

Georg Trakl: Poesia em correspondência

Angélica Neri¹

Titel: Georg Trakl: Poesie und Schriftwechsel

Title: Georg Trakl: Poetry and correspondence

Palavras-chave: poesia – tradução – correspondência

Schlüsselwörter: Poesie – Übersetzung – Schriftwechsel

Key-words: poetry – translation - correspondence

O trabalho de pesquisar e analisar a obra poética de Georg Trakl através — também — de suas cartas surge a partir de um breve estudo e tradução de alguns poemas e cartas do poeta austríaco. Um dos aspectos centrais da minha pesquisa se concentra na leitura da obra poética e epistolar do autor, com o objetivo de selecionar para tradução um conjunto de poemas e cartas correspondentes a uma certa época de sua produção literária. Para tentar identificar quando, aproximadamente, os poemas foram escritos, a leitura de suas cartas terá fundamental importância, isto porque a maioria de seus poemas foram publicados em revistas e periódicos da época. Em alguns destes casos, inclusive, é possível ter acesso às diferentes versões de um mesmo poema, que Trakl corrigia, alterava e então enviava novamente com as alterações propostas por meio de cartas a seus amigos e editores.

E é neste sentido que encontro um possível lugar de discussão e reflexão sobre um certo modo de relação com a teoria, a crítica e a prática de tradução. Essa relação se constrói, principalmente, alicerçada em alguns conceitos desenvolvidos por Haroldo de Campos, Derrida e Jean-Luc Nancy. Portanto, quando falo aqui de tradução e relação entre teoria e prática quero pensar, sobretudo, o conceito haroldiano de transcrição — que assumo, no meu projeto, já como intrincado no conceito de tradução, quer dizer, para mim, não se faz mais necessário marcar diferença entre o termo criado por Haroldo ainda nos anos 60 e a palavra corrente na nossa área, *tradução*. A este respeito, lemos no ensaio *Da tradução como criação e como crítica* o seguinte:

¹ Mestranda em Estudos Literários na Universidade Federal do Paraná; Email: aangelicaneri@gmail.com

[...] para nós, tradução de textos criativos será sempre *recriação*, ou criação paralela, autônoma porém recíproca. Quanto mais inçado de dificuldades esse texto, mais recriável, mais sedutor enquanto possibilidade aberta de recriação. Numa tradução dessa natureza, não se traduz apenas o significado, traduz-se o próprio signo, ou seja, sua fisicalidade, sua materialidade mesma. (CAMPOS, 2013, p. 5)

Evidencio, assim, a importância que tem, para mim, a sonoridade rítmica da poética trakliana para o meu projeto tradutório. Quanto a Derrida, quero evocar aqui a ideia de tradução como um jogo de trocas entre dois textos, digamos, um original e a sua tradução que, por sua vez, são uma lembrança de intertextualidades outras que se constroem, desconstroem e reconstroem mutuamente. Neste sentido, pois, um exemplo muito prático seria o de encarar a nossa relação com a recepção de uma tal tradução e como essa recepção transforma o nosso olhar e contato com a obra dita original. Me parece, ainda, pertinente retomar a ideia de rastro, como as marcas de alguma coisa que veio antes, passou, mas deixou um rastro. Poderia relacionar aqui esse conceito com os poemas reelaborados através das cartas, no sentido de uma escrita que é reescrita de outra escrita e, no meu caso, podemos pensar também na tradução como reescrita de uma outra reescrita (ou escrita).

Este modo de pensar a poesia tem também muito a ver com a proposta de Jean-Luc Nancy de entender a dificuldade, a subjetividade e a obscuridade da poesia como o próprio caminho de acesso, de passagem, ou seja, se pensarmos a poesia segundo Nancy propõe no seu texto *Fazer, a poesia*, como fazer poético, acesso ao sentido, e não como instrumento que somente *comunica* um sentido, é certo que encontraremos, também, uma via de acesso à tradução. Os sentidos de um texto são a todo instante construídos e reconstruídos; cada nova leitura é uma nova forma de acesso aos sentidos, e, de novo, retomando a questão dos poemas reelaborados nas cartas, cada poema constrói um acesso — ou múltiplos acessos — o que poderia fazer da tradução uma forma de reconstrução de vários desses movimentos de passagem, de acesso ao sentido:

“Poesia” não tem exatamente um sentido, mas, antes, o sentido do acesso a um sentido a cada vez ausente e adiado. O sentido de “poesia” é um sentido sempre por fazer. (NANCY, 2013, p. 416)

Neste sentido, é como se o próprio poema entregasse os seus rastros através dessas cartas; rastro no sentido derridiano, daquilo que todo texto deixa; das marcas intertextuais presentes, inerentes a todo e qualquer texto, seja ele mais ou menos “original”. Reconheço, pois, a função quase que primordial que o estudo das cartas de Trakl tem para o meu projeto tradutório.

Retomando a ideia de poema como um texto que tem um *sentido sempre por fazer*, à luz do fazer poético de Nancy, em que na própria dificuldade de acesso ao sentido da poesia, o sentido se constroi, como se num ato de passagem, ler a poesia e, mais ainda, traduzir a poesia de Trakl nada mais é que um acesso constante ao sentido; um sentido que se refaz a cada novo acesso, se ressignificando, num “eterno retorno e partilha das vozes” (NANCY, 2013, p. 418). Assim, encarar um poema a partir de sua impossibilidade, dificuldade constitui sempre uma tarefa de (re)construção, (res)significação por meio de um fazer tradutório pelas vias de acesso aos múltiplos sentidos que um texto apresenta e representa. Pensar, assim, o poema em tradução e o seu sentido é encará-lo — também — como um poema autossuficiente, quer dizer, para além de *apenas uma tradução do poema original*. Como em qualquer leitura, não há como escapar da inevitável mediação, intertextualidade, multiplicidade de vozes, às quais todo e qualquer texto se sujeita. Pensar a poesia de Trakl em tradução diz respeito tanto a atentar para suas peculiaridades, enfim, de um movimento de acesso, de passagem, de escuta das vozes que ressoam em seus poemas, como também pensar nessa poesia engendrada em uma determinada época, contexto histórico; o que também se faz possível através de uma análise dessas cartas que Trakl trocou ao longo dos anos com amigos, editores, e que, em grande parte continham os poemas que eram então publicados no jornal literário de Innsbruck, *Der Brenner*. Estas cartas despertam grande interesse seja por seu caráter poético, melancólico, ou ainda pelos diversos poemas que Trakl por vezes reformulava e reenviava em novas versões aos seus editores. De modo que, é possível perceber parte desse caminho trilhado pelo poeta desde as primeiras versões de um poema até a sua configuração final; é como se tivéssemos acesso ao engendramento de sua poesia, sendo assim escrita, transformação, um devir-poético. No entanto, convém evitar qualquer tipo de equívoco reducionista no sentido de que é *somente* através das cartas e diferentes versões de um mesmo poema que se faz possível a tradução da poesia de Trakl. Outras abordagens e outros tradutores podem — e com certeza já o terão feito — desconsiderar toda correspondência — aqui, no duplo sentido tanto *epistolar* quanto de correlação entre as versões — de Trakl e ainda assim traduzir a sua obra poética. Porém, para o meu trabalho e porque esse é o meu interesse, essas cartas não deixarão de ser consideradas. Contudo, até que ponto analisar e estudar as diferentes versões dos poemas tem *de fato* relevância ou alguma influência para as minhas traduções, é o que eu pretendo investigar.

As propostas de tradução aqui apresentadas, portanto, atravessadas por essas questões, têm antes uma intenção de construir e reconstruir, refazer e traduzir os significados da poesia de Georg Trakl através da relação entre as cartas e a sua poesia. Assim, como reflexo prático desse brevíssimo

discorrer teórico, podemos ler agora duas dessas cartas e as três possíveis versões e/ou traduções do poema *Trompeten*, publicado no periódico *Der Ruf*, em 1912. Convém, ainda, ressaltar que se trata de uma tradução ainda em processo e progresso, sendo antes um exemplo palpável do percurso de estudo aqui relatado do que um poema acabado mesmo.

AN ERHARD BUSCHBECK (IN WIEN)

Innsbruck, erste Hälfte November 1912

Trompeten

Unter verschnittenen Weiden, wo weiße Kinder spielen

Und Blätter treiben, tönen Trompeten; Verfall und Trauer.

Scharlachfarben, Marschtakt stürzt durch Staub und Stahlschauer,

Durch ein Roggenfeld, entlang an leeren Mühlen.

Oder Hirten singen nachts und Hirsche treten

In den Kreis ihrer Feuer, des Hains uralte Trauer.

Tanzende heben sich von einer schwarzen Mauer;

Scharlachfarben, Lachen, Wahnsinn, Trompeten.

Georg Trakl

Lieber Freund!

Hoffentlich fällt das Gedicht nicht zu sehr aus dem Rahmen einer kriegerischen Nummer des Rufs. Ich glaube, es wäre gut dafür zu verwenden.

Ich habe mich bemüht es möglichst leserlich zu schreiben.

Mit den herzlichsten Grüßen Dein G.

A Erhard Buschbeck, Viena

Innsbruck, primeira metade de novembro de 1912

Trompetes

Crianças pálidas brincam sob salgueiros mutilados

De onde folhas brotam e ressoam trompetes; dor e ruínas.

Pela poeira e chuva ácida, se descompassa a marcha; cores escarlatinas,

Pelo campo de centeio, ao longo de moinhos abandonados.

Ou pastores cantam e cervos passam noites

No círculo de seu fogo, a dor ancestral das colinas.

De um muro negro erguem-se bailarinas;

Cores escarlatinas, risos, insânia, trompetes.

Georg Trakl

Caro amigo!

Espero que o poema não fuja muito aos padrões de uma edição bélica da *Ruf*. Eu acredito que poderia ser de bom proveito.

Eu me esforcei ao máximo para escrever de forma legível.

Com os mais cordiais cumprimentos, G.

AN ERHARD BUSCHBECK (IN WIEN)

Innsbruck, erste Hälfte (?) November 1912

Lieber Freund!

Habe die Güte, in der ersten Strophe des Gedichts folgende Korrekturen zu machen

Und Blätter treiben, tönen Trompeten. Kirchhofstrauer.
Fahnen von Scharlach stürzen durch des Ahorns Trauer,
Reiter entlang an Roggenfeldern, leeren Mühlen.

2. Strophe: !!

Fahnen von Scharlach, Lachen, Wahnsinn, Trompeten.

Schreibe mir, bitte, ob Du die Korrekturen noch hast anbringen können. Vielleicht kannst Du es einrichten, daß das Gedicht auf der letzten Seite des Heftes gedruckt wird, da es mir sehr erwünscht wäre, daß nach der letzten Zeile der geneigte Leser nicht auf die erste Zeile eines kriegesischen Gesanges von Paul Stephan hinübergleitet.

Herzlichst Dein G

A Erhard Buschbeck, Viena

Innsbruck, primeira metade (?) de novembro de 1912

Caro amigo!

Tenha a bondade de fazer as seguintes correções na primeira estrofe do poema:

De onde folhas brotam e ressoam trompetes. Um cemitério em ruínas.
Pela dor do Ácer caem bandeiras escarlatinas,
Cavaleiros no campo de centeio, moinhos abandonados.

Segunda estrofe:

Bandeiras escarlatinas, risos, insânia, trompetes.

Por favor, escreva-me dizendo se foi possível realizar as correções. Talvez você possa estruturar a impressão de maneira que o poema seja impresso na última página da revista, pois eu gostaria muito que, depois dos últimos versos, o leitor não fosse redirecionado às primeiras linhas de um canto bélico do Paul Stephan.

Cordialmente, G.

<p>Trompetes Crianças pálidas brincam sob salgueiros mutilados De onde folhas brotam e ressoam trompetes; dor e ruínas. Pela poeira e chuva ácida, se descompassa a marcha; cores escarlatinas, Pelo campo de centeio, ao longo de moinhos abandonados. Ou pastores cantam e cervos passam noites No círculo de seu fogo, a dor ancestral das colinas. De um muro negro erguem-se bailarinas; Cores escarlatinas, risos, insânia, trompetes.</p> <p>1a. versão [trad. Angélica Neri]</p>	<p>Trompetes Crianças pálidas brincam sob salgueiros mutilados De onde folhas brotam e ressoam trompetes. Um cemitério em ruínas. Pela dor do Ácer caem bandeiras escarlatinas, Cavaleiros no campo de centeio, moinhos abandonados. Ou pastores cantam e cervos passam noites No círculo de seu fogo, a dor ancestral das colinas. De um muro negro erguem-se bailarinas; Bandeiras escarlatinas, risos, insânia, trompetes.</p> <p>2a. versão [trad. Angélica Neri]</p>
--	---

<p>Trompeten Unter verschnittenen Weiden, wo braune Kinder spielen Und Blätter treiben, tönen Trompeten. Ein Kirchhofsschauer. Fahnen von Scharlach stürzen durch des Ahorns Trauer Reiter entlang an Roggenfeldern, leeren Mühlen. Oder Hirten singen nachts und Hirsche treten In den Kreis ihrer Feuer, des Hains uralte Trauer. Tanzende heben sich von einer schwarzen Mauer; Fahnen von Scharlach, Lachen, Wahnsinn, Trompeten.</p> <p>Georg Trakl</p>	<p>Trompetes Crianças queimadas brincam sob salgueiros mutilados De onde folhas brotam e ressoam trompetes. Um cemitério em ruínas. Pela dor do Ácer caem bandeiras escarlatinas, Cavaleiros no campo de centeio, moinhos abandonados. Ou pastores cantam e cervos passam noites No círculo de seu fogo, a dor ancestral das colinas. De um muro negro erguem-se bailarinas; Bandeiras escarlatinas, risos, delírio, trompetes.</p> <p>3a. versão [trad. Angélica Neri]</p>
--	---

Referências bibliográficas

- CAMPOS, H. DE. Da tradução como criação e como crítica. In: TÁPIA, Marcelo; NÓBREGA, Thelma Médici (Org.). **Haroldo de Campos – Transcrição**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- CARONE NETTO, M. **Metáfora e montagem**. Um estudo sobre a poesia de Georg Trakl. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- DERRIDA, J. O que é uma tradução relevante? Tradução de Olivia Niemeyer Santos. In: RODRIGUES, C. C.; SISCAR, M. (org.). **Tradução, desconstrução e pós-modernidade**. Alfa: Revista de Lingüística, São Paulo, v. 44, n. esp., p.13-44, 2000.
- NANCY, J.-L. “Fazer, a poesia”. **Alea**, vol. 15/2, p. 414 - 422, jul-dez 2013.